



I Congresso Nacional de Linguagens e Representações: *Linguagens e Leituras*
III Encontro Nacional da Cátedra UNESCO de Leitura
VII Encontro Local do PROLER
UESC - ILHÉUS - BA/ 14 A 17 DE OUTUBRO 2009

DISCURSOS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE NO ESPAÇO ESCOLAR: CONSIDERAÇÕES À LUZ DA ANÁLISE DE DISCURSO*

Ueila Conceição Santos de JESUS (UESC) *
Odilon Pinto de MESQUITA FILHO (UESC)

Resumo: Esse trabalho apresenta uma pesquisa sobre o discurso presente nos enunciados de educandos do Ensino Médio, de uma escola pública, de Ilhéus, visando analisar o discurso sobre o homossexualismo no espaço escolar. Nessa medida, foi realizada uma pesquisa qualitativa através da aplicação de questionário e observação de dados a partir da Análise do Discurso de Linha Francesa. Tendo-se como pressuposto a percepção do homossexualismo no espaço escolar, o objetivo desse artigo consiste em averiguar, através dos questionários aplicados, aspectos do funcionamento do discurso dos alunos sobre esse tema. Os resultados iniciais mostram ou indicam que os discursos dos alunos sobre esse tema, o homossexualismo, é predominantemente preconceituoso.

Palavras-chaves: Análise do discurso. Homossexualismo. Escola. Ensino médio

1. Introdução

O objetivo desse artigo é fazer uma apreciação acerca do discurso sobre o homossexualismo no ambiente escolar a partir da análise das formações discursivas - que, segundo Foucault (1969), compõem um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que delimitaram em uma determinada época, e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa – presentes nos discursos dos educandos de uma escola pública estadual, em Ilhéus, verificando se o discurso apresentado pelos mesmos desvela um posicionamento de tolerância ou intolerância frente à figura homossexual no espaço escolar. Procura-se observar se há ou não a presença da estigmatização em seu discurso.

* Trabalho de final de curso da disciplina Linguagem e Discurso, orientado pelo professor Odilon Pinto de Mesquita Filho, no Mestrado em Letras: Linguagens e Representações, da Universidade Estadual de Santa Cruz.

* * Graduada em Letras e Artes, pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), graduada em Comunicação Social, pela UESC, Especialista em Leitura, Interpretação e Produção de Texto, pela Faculdade do Sul (FACSUL), Mestranda em Letras: Linguagens e Representações. E-mail: weyllac@yahoo.com.br.

Esta tarefa justifica-se pelo fato de que o mesmo contribui para a revisão bibliográfica acerca do tema, bem como se insere como um instrumento de reflexão empírica sobre o homossexualismo e o espaço escolar. Assim, tem-se, como marco teórico, uma revisão de literatura sobre conceitos de gênero e homossexualidade e tópicos de Análise do Discurso de Linha Francesa (AD).

2. Gênero, homossexualidade e espaço escolar: algumas considerações

Relatos acerca da homossexualidade retratavam, inicialmente, questionamentos relacionados à observância da mesma sob um enfoque biológico-religioso. O (a) indivíduo (a) que sentia atração física por pessoa do mesmo sexo era considerado (a) como um (a) descrente, pessoa mentalmente debilitada que carecia de tratamento psiquiátrico. Com os avanços na luta em favor do desvinculamento da homossexualidade da perversão e da insanidade, apenas na década de 90 os debates ganharam força em relação à classificação do (a) homossexual a partir de fatores de cunho sociopolítico e cultural, oriundos das formações discursivas às quais os sujeitos estão expostos no seu convívio social, por vezes influenciado por instâncias simbólicas de poder.

De acordo com Foucault (2005), a construção do conceito de verdade a respeito da orientação sexual tem raízes históricas e sociais, sendo que cada período marca a sexualidade de acordo com os parâmetros vigentes, observando-se que, em sua grande maioria, tais parâmetros seguem o cânone e a concepção de ideias com base dicotômica, sobremaneira no que concerne às relações de gênero.

Segundo Foucault (2005) apud Dinis e Cavalcanti (2008), a sexualidade é compreendida enquanto um aparelho

“[...] histórico de poder da modernidade, constituído por práticas discursivas e não discursivas, que produzem uma concepção do indivíduo como sujeito de uma sexualidade, ou seja, saberes e poderes que buscam normatizar, controlar e estabelecer ‘verdades’ acerca do sujeito na sua relação com o corpo e com os prazeres. Foucault observa que mecanismos específicos de saber e poder centrados no sexo produziram discursos normativos sobre a sexualidade das mulheres, das crianças, dos casais e demarcaram o campo das perversões sexuais, entre elas a homossexualidade.” (2008, p. 100).

Dessa maneira, o conceito de gênero é produzido e (re)descoberto através das relações e formações discursivas. Para Butler, apud JAYME (2005, p.157), “gênero não é nunca uma totalidade, sua construção é muito mais complexa e inacabada.” Ou seja, ainda segundo a autora,

“[...] uma coalisão aberta que afirmará identidades alternadamente instituídas ou deixadas de lado de acordo com os propósitos do momento; será um conjunto aberto que permite múltiplas convergências e divergências sem obedecer a uma finalidade normativa de definições fechadas.” (BUTLER, 1990, p. 16, *apud* JAYME, 2005 p. 158.).

Assim, como o conceito de gênero abarca convergências e divergências, descortinando-se multifacetado e aberto. Nessa linha, o conceito de homossexualismo

se desenvolve sob esse mesmo enfoque, não pairando sobre a normatização, o enquadramento, mas valorizando a diversidade e a diferença.

“Nestas duas últimas décadas os Estudos de Gênero criaram um paradigma metodológico no que tange a ruptura com o sexo biológico e com a dessubstancialização das categorias naturalizadas de homens e mulheres. Afirmaram a primazia metodológica de investigar as relações sociais de gênero sobre a investigação das concepções de cada um dos gêneros; afirmaram a possibilidade cultural de um número indefinido de gêneros; afirmaram a possibilidade dos processos de **diferenciação e indiferenciação de gênero**. Apontaram a primazia da diferenciação sobre as diferenças construídas, isto é, a primazia das relações entre os gêneros sobre as concepções de cada um dos gêneros.” (MACHADO, 1998, p. 112 grifo do autor).

Note-se que as conceituações do “senso comum”, acerca da homossexualidade, partem de uma posição dualista, enfocando a existência de uma heterossexualidade fundadora, majoritária, natural e estável, pautada no discurso bíblico, fundador, em contrapartida a uma esfera instável, não-natural, perversa e, por vezes, doentia que se caracteriza como homossexual. De acordo com Monteiro (1997), citando

“[...] Derrida, que também nega a universalidade destas dicotomias, estas são apenas tentativas de cristalizar uma certa estrutura, buscam conter o movimento dos sentidos ou o jogo da linguagem, como ele chama. Ele fala em estruturalidade da estrutura: isso quer dizer que a estrutura, ou a forma de cognição [...] para a compreensão da realidade, é também estrutural, é móvel, muda em relação aos outros elementos, só faz sentido em relação a outras estruturas que estão ao seu redor.”

Nota-se que o pilar da heterossexualidade vê-se cada vez mais rodeado por tentativas de tomada do discurso por parte desses sujeitos. Entretanto, cabe ressaltar que o discurso das minorias de gênero, em especial as homossexuais, – entendidas aqui não quantitativamente, mas como classes que não possuem seus direitos preservados em pé de igualdade com a maioria dominante –, só se estabelece, numa determinada perspectiva, a partir da abertura de um espaço oportunizado pelas maiorias. Um espaço que, de acordo com Foucault, pode ser um espaço de visibilidade, mas que, ao mesmo tempo, pode se tornar um espaço de controle, no qual o tornar-se visível pode implicar numa espécie de assujeitamento, “[...] um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder.” (FOUCAULT, 1987, p. 166).

Esse estado pode se constituir como mecanismo de controle utilizado por diferentes instituições, dentre as quais cabe aqui destacar a escola, visto essa ser considerada um mecanismo de controle do Estado, segundo o mesmo autor, disfarçadamente denominada como a instância educativa formadora dos cidadãos, por excelência.

Autodeclarando-se como ambiente de todos, a escola possui, dentre seus mecanismos legais, a observância da Lei de Diretrizes e Base da Educação, a LDB, a qual garante o direito à tolerância e a permanência igualitária de todos no cenário escolar, apresentando, em seu artigo 2º, inciso III, o “[...] pluralismo de idéias e concepções pedagógicas.” (LDB, 1996, p. 1), além de fomentar, especificamente para o Ensino Médio, tratado aqui neste estudo, em seu artigo 35, inciso III, “[...] o

aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico.” (Op. Cit, p. 14). Entretanto, não se observam considerações direcionadas às questões de gênero, sexualidade e/ou homossexualismo, apesar de a mesma apresentar, ainda no artigo terceiro, que o ensino será ministrado, dentre outros princípios, com base no “[...] respeito à liberdade e apreço à tolerância”. (LDB, 1996, p. 1).

Pode-se mencionar, a partir do exposto, que o diálogo entre a educação e as relações de gênero é, por vezes, problematizado “[...] de modo a silenciar as condições homossexuais, trabalhando aspectos sociais de modo fragmentado, parcial, induzindo, por vezes, à assimilação de estigmas e caracterização unilateral dos(as) sujeitos(as). Contudo, contrariando a tendência escolar, “[...] FOUCAULT (1998, p. 30), já apontara que o sexo colegial passou a ser [...] ‘*um problema público*’.”

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Ensino Médio (2000), uma das metas da educação é aprimorar o aluno como pessoa humana; formá-lo de maneira ética para o pleno desenvolvimento do pensamento crítico com flexibilidade. A construção de Temas Transversais como Orientação Sexual nos Parâmetros denota uma preocupação do poder público com questões ligadas a gênero. Entretanto, ao se observar os PCN do Ensino Médio, em relação ao homossexualismo, não se percebem referências sobre o tema. Os termos tratados no texto são relacionados, timidamente, às questões de gênero, propondo uma discussão acerca da problemática do relacionamento entre meninas e meninos no espaço escolar e sinalizando uma desvantagem daquelas em relação a estes, no que se refere à constituição da autovalorização.

O fato de os PCNs não abordarem a temática da sexualidade e, sobretudo, a da homossexualidade faz com que esse material seja preterido pelas pesquisas na área de gênero e educação, visto que a proposta não valoriza a diversidade sexual, corroborando a visão dicotômica das relações de gênero, aprofundando as diferenças entre meninos e meninas.

Percebe-se com isso que, apesar das iniciativas governamentais de discussão das relações de gênero na escola, os instrumentos concebidos como ferramentas de trabalho para com estas questões, em verdade, desvelam-se insuficientes e reiteram antigas proposições excludentes, difundidas em larga escala no cenário social, privilegiando as dicotomias tão severamente criticadas pelos incipientes debates de gênero e, em particular, sobre relações homossexuais.

3. Análise dos discursos dos educandos em relação à (não) aceitação da homossexualidade no ambiente escolar

Para a realização dessa pesquisa acerca do posicionamento discente frente à homossexualidade no espaço escolar, as seguintes estratégias foram utilizadas, a saber:

- a) construção do marco teórico sobre o tema realizando-se uma revisão da literatura sobre Análise do Discurso e gênero.
- b) seleção de vinte educandos de um colégio estadual, de Ensino Médio, do período noturno, do colégio de Ilhéus para a aplicação de questionário aberto, composto por cinco questões acerca da homossexualidade e a mesma no ambiente escolar.
- c) Seleção dos enunciados seguindo-se os seguintes critérios: alunos que aceitam a presença homossexual no espaço escolar de maneira igualitária, sem restrições e alunos que apresentam restrições quanto à presença igualitária do (a) homossexual na escola.
- d) Análise dos dados com base na Análise do Discurso de linha francesa, com apreciação do *corpus* a partir das formações discursivas presentes nos enunciados,

materializados, com base numa perspectiva de análise parafrástica que, segundo Orlandi, referem-se a aquelas

“[...] pelas quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória.

1. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer.

2. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado.

3. A paráfrase está do lado da estabilização.”

e polissêmico, que significa “[...] deslocamento, ruptura de processos de significação. Ela joga com o equívoco.” (ORLANDI, 1999, p. 36).

Desse modo, procura-se apreciar a existência de interdiscursos com o discurso da aceitação, que estaria pautado na lei, ou seja, no discurso jurídico e o da não aceitação, que estaria pautado, principalmente, no discurso familiar, no religioso e no machista.

No que concerne ao *corpus*, sabe-se que sua delimitação constitui-se em árdua tarefa para a Análise do Discurso. Segundo Dubois, apud Mazière (2007, p. 36) “[...] o *corpus* é uma escolha de difícil extração, dado que é tomado no ‘universo do discurso’. Ele será *representativo* se for homogêneo no tempo e no espaço (‘homogeneidade da situação de comunicação’)”. Dessa forma, a partir da observação das entrevistas, delimitaram-se dez enunciados, esboçando respostas aos questionamentos acerca da presença de homossexuais na escola, bem como o tratamento dispensado à manifestação de sua presença na escola, seja através de trabalhos em grupo, seja através de demonstrações de carinho, como um abraço ou beijo entre colegas homossexuais na hora do intervalo, por exemplo:

- (1): “Sim! Não tem problema nenhum! Direitos e deveres são iguais para todos” (M)
- (2): “Na minha opinião eu acharia até bom, porque era uma amizade a mais. Eu toparia numa boa.” (M)
- (3) “A minha reação é normal. Porque conheço pessoas homossexuais assumidos e sou muito amiga deles (F)
- (4): “Sim, normal eu aceito numa boa. (F)
- (5): “Sim. Porque todos são seres humanos, esses homes eles recebem pela opção sexual de cada um deles. Além do mais está na Constituição brasileira que todos são iguais perante a lei, portanto todos têm direitos iguais.”
- (6): “Não. Aceito se não tiver outra opção.” (M)
- (7): “Às vezes tem uns colegas que sempre zomba com essas pessoas de sexo virado.” (M)
- (8): “Não. Mas se tiver que fazer o trabalho com ele eu falaria” (F)
- (9): “A minha opinião é que eu não posso fazer nada” (M)
- (10): “Eu ficaria com vergonha e sem graça”

De acordo com a AD, os discursos constituem-se enquanto materializações da ideologia, sendo que o sujeito aparece imerso nessa conjuntura, determinado pelos fatores sociohistóricos e culturais que permeiam sua construção. Inconscientemente, o sujeito é levado a se posicionar de acordo com determinada convenção sociohistórica e política dada. Desse modo, note-se que as diferentes posturas presentes nos enunciados de 1 a 5 apresentam, em seu escopo, uma alusão à aceitação da presença homossexual

em seu espaço, visto que a maioria dos enunciados, por exemplo, inicia-se com uma expressão afirmativa “sim” (enunciados 1, 4 e 5), “uma amizade a mais” (enunciado 2), “minha reação é normal” (enunciado 3). E palavras que denotam a coletividade, como “iguais para todos”, parafraseando discursos de defesa dos direitos humanos, quando este diz:

“Todo o homem tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição.”[s.d] (grifo do autor).

Além de citar a Constituição Brasileira, de 1988, que em seu preâmbulo diz “assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos [...]”. Percebe-se, assim, que a linguagem relaciona-se com as práticas sociais, produzindo discursos a partir de sua inscrição na história.

Os enunciados de 6 a 10, por sua vez, expressam, possivelmente, uma postura de não aceitação da manifestação homossexual no espaço escolar. Observe-se que a presença de palavras e/ou expressões negativistas como “não” (enunciados, 6, 8 e 9), “ficaria com vergonha e sem graça” (enunciado 10) e expressões referindo-se aos homossexuais como “de sexo virado” (enunciado 7) materializam, a partir da língua, a ideologia a partir do interdiscurso com o discurso biologizante, determinando os sujeitos a partir das genitais.

Assim, é possível identificar dois posicionamentos frente à presença homossexual na escola: uma de aceitação e outra de não aceitação, constituindo formações discursivas, aqui entendidas enquanto “[...] um jogo de relações que admite ou exclui, no interior de um discurso dado, um certo número de enunciados[...]” (FOUCAULT, apud INDURSKY, 2007, p. 164).

Em relação à primeira pergunta: “1. Você acha que os homossexuais, ou gays, ou veados, ou lésbicas, ou sapatonas têm os mesmos direitos que os heterossexuais? Explique o porquê de sua resposta.” e à segunda pergunta “Na sua opinião, por que um homem ou uma mulher se torna homossexual?”, percebeu-se que dois posicionamentos predominaram, a saber: aquele que considera a homossexualidade como algo inato, ou seja, sem escolha, ele (a) nasce homossexual; e uma visão que considera a homossexualidade uma escolha do (a) indivíduo (a), como corroboram as respostas abaixo:

Entrevistado A: “Acho que são igual (sic) a todo mundo e deve ter os mesmos direitos”

Entrevistado B, 27 anos, “Não tem uma explicação lógica, é questão de gosto mesmo.”

Entrevistado C, 21 anos, “Na minha opinião isso é coisa do destino da pessoa, pois não acredito que alguém cresça achando que esse é o melhor caminho na sua vida, sabendo que vão encontrar muito preconceito e discriminação por toda a vida.”

Entrevistado D, 21 anos, “porque um sente atração um pelo outro e se sente melhor com a pessoa do sexo igual.”

Entrevistado E, 24 anos, “já nasce predestinado a esse carma”

Note-se que os primeiros questionamentos versaram sobre conceituações gerais sobre o homossexual e a homossexualidade, não direcionadas para o espaço escolar. Até então, percebe-se que a maioria considera que os (as) homossexuais têm direitos iguais,

mas que a homossexualidade é uma escolha pessoal, ou seja, ele (a) é homossexual “porque quer”. Tais respostas, à luz de uma apreciação parafrástica, remontam ao interdiscurso com o discurso religioso que pregava que a homossexualidade era uma escolha dos infiéis, dos pagãos que estavam cometendo um pecado, como em Sodoma e Gomorra.

O questionamento 3: “Em sua opinião, como você avalia a presença de gays, ou veados, ou lésbicas, ou sapatonas, na escola? Como eles são tratados por você? E pelos outros alunos?” refere-se à avaliação que os educandos fazem acerca dos relacionamentos homossexuais e heterossexuais no espaço escolar. Dentre as respostas, nota-se que a maioria apontou para duas vertentes: uma igualitária, respeitosa, dita como “normal”; e outra, dita desigual, na qual os (as) homossexuais sofrem com gracinhas, piadas e brincadeiras.

A partir do exposto, percebe-se que os alunos consideram a sua avaliação como igualitária, de aceitação, mas criticam a prática dos colegas. O fato de estarem num ambiente formal de aprendizagem pode ter influenciado a resposta dos mesmos, pois, massivamente, reproduzem o discurso jurídico e atribuem aos colegas o discurso do preconceito. De acordo com PECHÊUX, apud INDURSKY (Op. Cit, p. 166) esse processo constitui-se numa tomada de posição do sujeito interpelado pela ideologia, apresentando o que “*pode e o que deve ser dito*” (grifo do autor).

Na quarta pergunta tem-se: “Na sua sala existem lésbicas, ou sapatões, ou gays ou veados? Se o professor (a) passa um trabalho que pode ser feito individualmente ou em dupla, na sala, você está sozinho (a) e um (a) colega, que é homossexual assumido (a), do mesmo sexo que o seu, pede para fazer o trabalho com você. Qual a sua reação?”, visando-se observar se as repostas dadas anteriormente, acerca do tratamento igualitário aos homossexuais manter-se-iam, no contato pessoal, em sala de aula, durante um trabalho em dupla, por exemplo.

Como resposta, tem-se enunciados como “Não, acho normal, minha reação seria normal, porque ele é uma pessoa como eu próprio.” (24 anos, masculino) e “Não. Na minha opinião eu não posso fazer nada.” (21, feminino). Note-se a repetição do discurso jurídico no primeiro exemplo, afirmando a igualdade de todos e a referência ao discurso religioso, tendo-se que aceitar a submissão, uma vontade maior que dita o que deve ou não ser feito.

Por fim, a pergunta 5 “Qual seria a sua reação se visse, na sua sala, dois homens ou duas mulheres se beijando na boca?”, instiga uma provocação, pois, apesar de o namoro na escola ser algo normal, visa observar se os entrevistados consideram esse comportamento por parte do (a) homossexual aceitável, como uma reação normal de um casal, ou se configura uma falta de respeito ou ato imoral. “Seria uma reação igual se eu visse um homem e uma mulher se beijando, para mim seria normal.” (Masculino, 28); No caso dos homens interferiria na hora, não aceitaria.” (feminino, 24).

Observe-se que em relação à manifestação do carinho através do beijo, ato considerado comum entre casais em público, em nossa sociedade, as formações discursivas apontam para a não aceitação dessa prática. Segundo Foucault, (1981), expressa-se a inquietação em relação à relação homossexual, pois

“[...] imaginar um ato sexual que não esteja conforme a lei ou a natureza, não é isso que inquieta as pessoas. Mas que indivíduos comecem a se amar, e aí está o problema. A instituição é sacudida, intensidades afetivas a atravessam, ao mesmo tempo, a dominam e perturbam. Olhe o exército: ali o amor entre homens é, incessantemente, convocado e honrado. Os códigos institucionais não podem validar estas relações das intensidades múltiplas, das cores

variáveis, dos movimentos imperceptíveis, das formas que se modificam. Estas relações instauram um curto-circuito e introduzem o amor onde deveria haver a lei, a regra ou o hábito.”¹

4. Considerações finais

A partir dos dados obtidos através dos questionamentos, percebeu-se que os estigmas relacionados à visão dos alunos frente à presença homossexual no espaço escolar vêm, aparentemente, nessa pesquisa, diminuindo. Contudo, apesar de iniciativas sociais e da escola, nota-se que o posicionamento igualitário não contempla a aceitação de um contato mais íntimo, como um beijo em público, por exemplo.

Assim, através da observação e análise das formações discursivas, componentes das formações ideológicas, compreende-se que o debate acerca da homossexualidade no espaço escolar está apenas no início. Faz-se necessário estabelecer estratégias de ensino que contemplem, de fato, um posicionamento imparcial frente ao tema e que desvincule a homossexualidade de questões biologizantes e dicotômicas. De acordo com Foucault, (1981), ser gay não significa se “[...] identificar aos traços psicológicos e às máscaras visíveis do homossexual, mas buscar definir e desenvolver um modo de vida”, enfatizando que este é apenas mais um modelo de gênero, assim como o heterossexual e que podem existir várias outras manifestações de gênero, pois estas se constituem numa “[...] coalizão aberta [...] um conjunto aberto que permite múltiplas convergências e divergências sem obedecer a uma finalidade normativa de definições fechadas.” (BUTLER, 1990, p. 16, *apud* CORRÊA, 1995 p. 121).

Referências

- BRASIL. **Constituição** (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm>. Acesso em 18 de julho de 2009.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Brasília, DF: Senado, 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>>. Acesso em 17 de julho de 2009.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: ensino médio. Brasília: Ministério da educação/Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 1999.
- CORRÊA, Maria. A natureza imaginária do gênero na Antropologia. In: **Cadernos Pagu**. 5ª Edição. [s.n], 1995. Disponível em: <<http://www.pagu.unicamp.br/files/cadpagu/Cad05/pagu05.05.pdf>>. Acesso em 18 de julho de 2009.
- DINIS, Nilson Fernandes; CAVALCANTI, Roberta Ferreira. Discursos sobre homossexualidade e gênero na formação em pedagogia. **Pro-Prosições**, Campinas, v. 19, n. 2, Aug. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072008000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 03 de maio de 2009.
- FOUCAULT, Michael. **Da amizade como modo de vida**. Entrevista de Michel Foucault a R. de Ceccaty, J. Danet e J. le Bitoux, publicada no jornal Gai Pied, nº 25, abril de 1981, pp. 38-39. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em:

¹ Entrevista de Michael Foucault disponível no link: <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/amicie.html>

<<http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/amitie.html>>. Acesso em 27 de junho de 2009.

INDURSKY, Freda. Formação Discursiva: ela ainda merece que lutemos Por ela? In.: **Análise do Discurso no Brasil**: mapeando conceitos, confrontando limites. FERREIRA, Maria Cristina. INDURSKY, Freda (org.). São Paulo: Claraluz, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. **Teoria Queer**: uma política pós-identitária para a educação. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2001000200012&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em 14 julho de 2009.

MONTEIRO, Marko. **O pós-estruturalismo no estudo do gênero**. Disponível em:
<<http://www.artnet.com.br/~marko/laymert.html>>. Acesso em: 11 de abril, às 00hs23min.

OLIVEIRA, Meire Rose dos Anjos. MORGADO, Maria Aparecida. **Jovens, sexualidade e educação**: homossexualidade no espaço escolar. Disponível em:
<<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT23-2357--Int.pdf>>. Acesso em: 01 de maio de 2009.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: Princípios e procedimentos. 7ª Edição, Campinas, SP: pontes, 2007.

_____. **Interpretação**: Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 5ª Edição, Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.

PIRES, Mônica de Moura (Org.). **Manual para elaboração de trabalhos técnico-científicos**. 5. Ed.rev. Ilhéus: UESC/Editus, 2008.

REVEL, Judith. **Michel Foucault**: Conceitos essenciais. Tradução Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.

SARGENTINI, Vanice, NAVARRO-BARBOSA, Pedro. **Foucault e os domínios da linguagem**: Discurso, poder e subjetividade. São Carlos: Claraluz, 2004.

SILVA, Dayse de Paula Marques da. **Gênero e sexualidade nos PCNs**: uma proposta desconhecida. Disponível em:
<<http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT23-2871--Int.pdf>>. Acesso em: 14 de julho de 2009.